

▶ **EMPATE NOS BUMBÁS**

Caprichoso e Garantido levaram aproximadamente 15 mil pessoas aos seus currais

6e7

▶ **RECORDE**

Controle tributário faz com que Governo aumente a arrecadação do Estado

8

ÍNDIOS NA CIDADE GRANDE

Quando o sonho vira pesadelo

Fotos: Andréia Mayumi

DESPREPARADOS PARA A VIDA NAS CIDADES, OS ÍNDIOS ACABAM SOBREVIVENDO DE SUBEMPREGOS E ENFRENTANDO PRECONCEITOS

TEREZINHA PATRÍCIA

Bernardino Alexandre Pereira, 39, desempregado, mora em Manaus há 15 anos. Deixou a aldeia ticuna, em Umariaçu, Município de Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus), com o sonho de mudar de vida. Aqui foi vigilante, servente de pedreiro e fez outros pequenos serviços. A mulher, Elcilene, também ticuna, trabalha como doméstica. O casal traduz o estilo de vida dos indígenas que moram nos mais diversos bairros da capital, enfrentando preconceitos e inúmeras dificuldades.

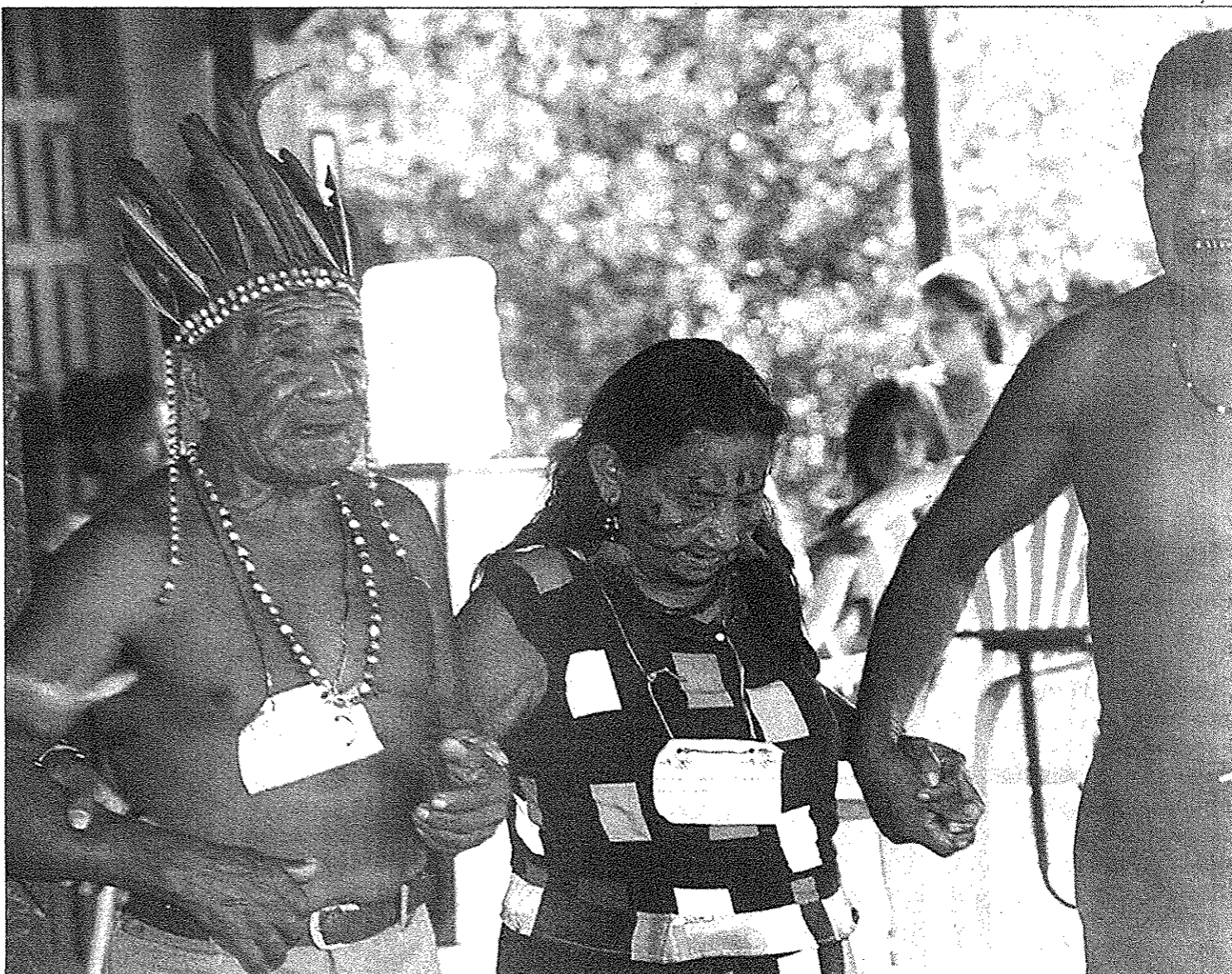
De sexta-feira até ontem eles ficaram na Chácara Buscapé, quilômetro 22, da BR-174 (Manaus-Boa Vista), com os seis filhos, a mais velha - Missilene tem 17 anos e os caçulas - Eron e Braz - completam dois meses esta semana. Elcilene fará ligadura de trompas em breve para não ter mais filhos. No encerramento 1º do Encontro dos Índios da Cidade, eles apresentaram a "dança da moça nova", uma tradição ticuna, que marca o fim do período de reclusão de um ano da jovem que passa pela primeira menstruação.

Bernardino luta para fundar uma associação com as 12 famílias ticunas que moram na comunidade Cidade de Deus (Zona Leste), para conseguir recursos financeiros e construir um galpão onde possam fazer artesanato e mostrar um pouco da cultura. Esta será uma forma de aumentar a renda familiar, ao mesmo tempo que preservam e divulgam os costumes aos habitantes da capital.

Quando chegou a Manaus, o casal morou em um quarto alugado, no bairro do Japiim, Zona Sul, sem muito contato com os outros parentes. O primeiro emprego de Bernardino foi numa empresa de vigilância onde ficou por dois anos e oito meses. Trabalhou também na Secretaria Municipal de Obras, como ajudante em asfaltamento de ruas e operação "tapaburaco", durante seis anos. Depois perdeu o emprego e nunca mais trabalhou com carteira assinada, sobrevivendo de "bicos".

Em ele 1999 participou de um encontro indígena na Secretaria Estadual de Educação (Seduc). A semente estava plantada. As discussões deixaram em Bernardino a vontade de reunir outros ticunas para lutar pelos direitos básicos. No próximo dia 10 acontece a reunião definitiva para a fundação da associação.

Manoel Luís Gil da Silva, 43, é o cacique dos saterés-maués, uma comunidade de 83 pessoas, que moram no bairro da Redenção (Zona Centro-Oeste). Essa etnia é a mais bem articulada. Domingos Sávio Vaz, 41, representou os dessanas, tucucas, tucanos e bani-



RECONHECIMENTO Ritual indígena no encerramento do encontro. Luta para mostrar a cultura em Manaus

uas que moram na Praia do Tupé, no rio Negro, e vivem de agricultura e artesanato. Domingos tam-

bém quer organizar uma associação. Assis Barreira da Silva, 58, da etnia apurinã, avaliou o

encontro como positivo, mas ficou triste porque os "parentes" não estão interessados na cami-

nhada que ele empreende para a organização dos apurinãs que moram em Manaus.

CENSO

Em busca do número real

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) calcula que 8,5 mil índios moram em Manaus, enquanto a Fundação Estadual dos Povos Indígenas fala em 20 mil. Essa desinformação incomoda, tanto que uma das principais reivindicações do documento final do 1º Encontro dos Índios da Cidade de Manaus é um censo que mostre a realidade, com relação a números e condições de vida dos indígenas.

O encontro foi realizado durante três dias, em uma chácara no quilômetro 22, da BR-174 (Manaus-Boa Vista), com a participação de 80 pessoas. O primeiro dia foi dedicado a troca de experiências e depoimentos sobre o preconceito da sociedade, a falta de qualificação profissional para competir no mercado de trabalho, a falta de moradia e de assistência à saúde. No sábado houve trabalho em grupo e a participação da representante da gerência técnica da Secretaria Estadual de Educação e Qualidade do Ensino (Seduc), Arlene Bonfim, e do representante da Fundação Nacional do Índio (Funai), João Melo. A Fundação Nacional de Saúde (Funasa) não se fez representar. Além do censo demográfico, o documento final do encontro propõe também que os órgãos governamentais e não



RAIOS-X Além da quantidade, censo vai servir para mostrar como vivem os indígenas na cidade

governamentais, assim como a sociedade em geral reconheçam essa população como índios, onde quer que estejam. Os participantes querem um polo-base de saúde dotado de médicos, enfermeiros, agentes de saúde indígenas e um veículo, para encaminhar ao hospital as pessoas que necessitarem de um atendimento mais específico. E o atendimento, por meio da medicina alopatia deve ser feito sem prejuízo à cura tradicional.

Os índios da cidade propõem também escolas indígenas diferenciadas, com conteúdo curricular específico, que

garanta o resgate da língua materna e da cultura. No encontro eles criaram uma comissão de articulação com um representante de cada etnia para criar uma entidade representativa deles.

VERGONHA

O coordenador do projeto Yakiño, da Coiab, que cuida da parte cultural, Ismael Tariano, 38, reconhece que devido a discriminação, muitos indígenas passaram a esconder suas origens. "Mas Manaus um dia já foi uma aldeia", enfatiza. Nos últimos anos,

com o surgimento de entidades de articulação, como a Coiab, começou um movimento pela valorização da identidade indígena.

Enquanto um grupo se apresentava no encerramento do encontro, Ismael explicava que a dança é uma forma de resgate da cultura, que muitos já tinham esquecido. Ele já escreveu dois livros tratando da mitologia e lendas tarianas e está finalizando um outro sobre a religiosidade do povo. Iniciativas como essa estão resgatando a cultura milenar dos povos indígenas.

Índios vivem situação crítica

Alcoolismo entre os homens, disputa desigual entre os jovens para ter acesso a educação (nível médio e terceiro grau), vítimas do preconceito e da discriminação, prostituição entre as mulheres, falta de terra para morar e produzir e perda de identidade. Esses são alguns dos problemas vivenciados pela maioria dos índios que vivem na cidade de Manaus. A situação desse segmento - estimado pela Coordenação das Organizações Indígenas Brasileiras (Coiab), em 8,5 mil pessoas - está sendo identificada pelas lideranças do movimento indígena no Amazonas no 1º Encontro dos Índios na Cidade de Manaus que terminou ontem à tarde.

Os indicadores dos grupos de

trabalho organizados nesse encontro revelam uma condição crítica comum à maioria dos índios que vivem em Manaus. Em meio a uma população estimada em 1,5 milhão de pessoas, o dilema dos índios na área urbana passa despercebido e até agora não tem sido objeto de preocupação dentro das políticas públicas operacionalizadas.

Organizado pela Coiab, Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Pastoral da Comunicação (Pascom) e Associação das Mulheres Indígenas do Rio Negro, o encontro constitui-se na primeira grande oportunidade de os índios reunirem-se para situar o nível de vida que possuem em Manaus. A angústia, por parte dos mais velhos, por se sentirem igno-

rados, desprestigiados, portadores de uma cultura desvalorizada na cidade, a falta de perspectiva por

parte dos mais jovens, e a violência contra as mulheres formam o mosaico dessa população.

Os números

- **Índios em Manaus**
- População de Manaus: 1,5 milhão de pessoas
- População indígena estimada em Manaus: 8,5 mil de pessoas
- Os habitantes indígenas são, principalmente das etnias: Sateré, Ticuna, Dessana, Cambéba, Tucano e Apurinã
- Conclusões do 1º Encontro dos Índios da Cidade: criação de uma comissão de articulação com representantes de cada povo indígena; necessidade de atendimento diferenciado pelo SUS; escolas indígenas com professor bilingüe e um censo para verificar o número de pessoas e as condições sócio-econômicas